

ENTREVISTADORA: Então tudo que o senhor quiser e puder dizer pra gente, com certeza vai ser muito importante.

JOSÉ: Começar bem lá do fim, né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Quando, antes da Rural Minas aparecer por aqui, já havia umas invasão, né, então essas invasão tinha o Laurindo, (trecho incompreensível) Laurindo, e seu Rodrigo, tinha umas outras pessoas já debatendo, tentando dar uma explicação pro povo, como é que é, como que não é, né. Evitar mais os problemas do (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: E aí foi só crescendo, crescendo o número de pessoas lá dentro das terras, interessado, que tinha muita madeira boa, muitas coisas importantes, né. E acabou que esse povo indígena, como não tinha aquilo que eles tinha, foi recuando, ficando naquelas parte de terra mais piorada, né. E foi aí fazendo as exploração que eles queria. Aí quando o seu Rodrigo chegou de Brasília, que ele teve um tempo pra lá, aí ele tentou esclarecer pro nosso povo indígena, mas o povo já tudo assim, né, sem saber o que fazer, porque essas pessoa era (trecho incompreensível), e o índio prepara era um pedaço de pau, era outras coisas, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Mas aí a gente foi tá conversando com um e com outro, aí graças a Deus o Rosalino, que é o pai dele, também entrou em ação mais seu Rodrigo, “então vamos dar um jeito e vamos ajudar, porque do jeito que tá nós vamo ter que sair é tudo daqui”.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Aí ele entrou, aí no mesmo instante já foi apontando a liderança que tem hoje, né. Foi apontando uma liderança pra região, aí quando foi juntando os pouquinhos, pouquinhos, cresceu um grupinho, aí quando cresceu um grupinho aí começemo a fazer os mutirão. Aí desses mutirão, cada vez só crescendo.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Só crescendo os mutirão. Aí nesse meio tempo, através desses mutirão, eles, pra ver se tirava seu Rosalino, eles atacaram a casa dele. Tinha vez, chegou o ponto de pegar as roupas dele, calça, tudo, cortou tudo e furou e jogou dentro do poço de panhar água, que era o poço de panhar água pra beber, né.

ENTREVISTADORA: Na casa do seu próprio Rosalino?

JOSÉ: É, do seu Rosalino. Aí quando eles fez aquilo, Deus abençoou que não tinha achado ele no ponto, que eles queria era ele, né. Aí eles tornou a voltar, não encontrou ele de novo, e tornou fazer a mesma coisa, pegou as coisas dele, bagunçou com tudo, com as coisinha dele.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: E a gente não esmoreceu, não! Continuemo com os mutirão e a comunidade só reforçando, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Graças a Deus sempre apareceu pessoal das igreja, incentivando pra tomar cuidado, porque senão ia ser muito pior pra nós; uma incentivação muito boa, né, que eles alertava muito a gente.

ENTREVISTADORA: Quem é que alertava? O senhor lembra?

JOSÉ: O pessoal do (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Do (trecho incompreensível) né.

JOSÉ: Que era o Fábio, o Luiz Charle (trecho incompreensível) bispo (trecho incompreensível) esse povo que chegava e alertava: “olha, se vocês ver um grupo de homem armado, corre! Não fica esperando não, que eles tão armado já. As armas dele pega distante, ocês com um pedaço de pau não adianta”, né. Aí houve as invasão no sapé, também na casa minha e de Raimundo, Marcelino, Vicente, e Chicão e Leandro.

ENTREVISTADORA: Chicão e Leandro.

JOSÉ: É. Teve essas invasão lá, aí prejuízo mesmo fui eu, que foi o prejuízo maior, foi eu Raimundo e finado Manoelino, que a gente preparava aquelas coisa, que a gente quase já não

tava podendo trabalhar, então a gente pegava, acumulava aquelas quantia de coisa, vendia alguma coisinha e ia

acumulando aquilo porque era pra tirar aquela tarefa. E naquela época, 45 dias de chuva, o que é que eles fizeram? Os colchãozinho que a gente tinha, o saco de feijão que a gente tava aprontando, naquela época (trecho incompreensível) feijão preto da Funai, dava pra gente plantar, o feijão virava feijoa, a gente colheu tanto feijão! O feijão nasceu tudinho no terreiro!

ENTREVISTADORA: É? Na época tinha mais chuva?

JOSÉ: Tinha. Cê sabe que foi 45 dias de chuva? Quase sem parar. Aí pegaram essas coisa nossa tudinho e colocou no terreiro, na chuva. E aí agora? “Não, não vai lá não, tem que esperar a polícia federal”, “ah, até a polícia federal chegar”.

ENTREVISTADORA: Mas o quê que eles fizeram com as coisas do senhor?

JOSÉ: Jogaram por lá, na chuva lá, (trecho incompreensível) tudo no terreiro.

ENTREVISTADORA: É? Tudo?

JOSÉ: Tudo, tudo. Por exemplo, o colchão, quando (trecho incompreensível), por baixo já tava cupim já estragando, que a polícia federal chegou que fez a vistoria e mandou a gente lá pra dentro. Nessa época até meus documento eles levaram embora, que tava lá, que normalmente (trecho incompreensível) lá fora, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Do finado Manoelino, mataram a vaca dele. O Manoelino, que era marido de Nena.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível)

JOSÉ: É.

ENTREVISTADORA: É esse?

JOSÉ: É. Mataram a vaca dele, mataram, tem um animal dele lá, acho que (trecho incompreensível) mataram. Mas aí quando a polícia federal cuidou, eles pegou e ainda me deu

JOSÉ: Mas nesse meio tempo, aquele, pareceu outro delegado lá em Tarumirim, chamado doutor

Antônio (trecho incompreensível) ele tomou os conhecimento desse, ajeitou o povo e botou tudo pra cima de nós, testemunhando só contra nós, só contra nós. Eles vinha, aprontava e jogava tudo que era nós que tava invadindo. Nós era os invasor. Aí foi e ficou de um jeito que nem eu podia sair mais, quando eu saía para fora, tinha que ser engavetado, né?

ENTREVISTADORA: É mesmo?

JOSÉ: É, as horas que não tinha movimento, Januário e Nena (trecho incompreensível), aí que eu ia pra lá. Eu ia pra Brasília, eu ia pra Valadares, que o pai dele ali já não podia sair mais mesmo, né. Aí eu mesmo assim, com essas prisão preventiva que deram, eu não parei não, disse: “seja o que Deus quiser” e continuei batalhando, até chegou um momento, foi na vez de uma festa ali, o finado Zezão passou lá em casa, digo: “ó, dona Vilma, eu vou deixar essas coisas aqui pra (trecho incompreensível) levar, ele vai levar isso aí pra mim, que eu não tô dando conta de levar isso não”, eu digo: “moço, eu não ia lá não, que esse trem lá, dá errado”, e foi certinho! Eu vim, chamei trouxe um pandeiro e um bumba pra ele, cheguei aqui, ao invés de eu sair e ir embora, não. Quando foi mais tarde, eles. Eu digo: “hoje é o dia!”, digo: “não, eu já corri”, e aí falou na minha vista assim, teve hora que até bateu a mão no meu peito “ah, bichão! É hoje!”, eu digo “seja o que Deus quiser, (trecho incompreensível) mesmo”, falei logo pra ele assim. Aí só saiu um pedacinho assim, ele parou lá e disse: “é agora”, o finado Manoelino levou um tiro bem assim.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: No umbigo. E eu levei dois logo aqui, um aqui, uma facada aqui.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Mas mesmo assim a gente foi debatendo, tava meu pai, minha mãe, (trecho incompreensível) gritando, aí as balas das armas deles acabou, né. Eles correram pro escuro e

(trecho incompreensível), correram aqui assim pro escuro, que era aqui assim na frente, e foi carregam as armas. Ele disse: “ele não consegue levantar, não”, e eu tô olhando, que era
lâmparina, não era essa energia assim. s

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí quando eu vi que eles encobriu lá, eu meti o pé, levantei, saltei a cerca, pelo outro lado assim meio, e entrei dentro do mato (trecho incompreensível), aí tudo que eles carregou as arma

lá, eles veio. Eles voltaram de novo pra “cadê?”, “ah, um cachorro tá morto, e o outro?”, aí ficou me caçando e eu lá escondido. Aí disse: “não, vão embora, porque aquele não escapa, não, ele tá bem acertado!”, “é, dessa vez não morro não”, eu digo lá assim, lavando de sangue. Aí quando eles saíram tudo, que o povo ficou: “ai meu Deus, e Zé? E Zé? E Zé?”, aí eu peguei: “oh, mãe!”, chamei: “mãe! Por favor, eu tô aqui!”, aí que eles correu pra lá, digo: “não, não precisa fazer força não”, passei debaixo da cerca, meti os pé, mas era mostrando pra mãe que eu tava bom, né? Pra não desanimar ela tanto. Aí vim pro meio do terreiro (trecho incompreensível). O duro foi pra mim sair daqui, que não tinha carro, né. Tinha que arrumar um aparelho de boi, arrumou um carro que atravessou aqui pra ir lá pro outro lado, pra arrumar um carro lá na vila para, de lá, sair pro mangue. Isso aí quando a gente foi ser atendido foi no outro dia, aí (trecho incompreensível) a gente passou em Mangue, essa região aqui já não gostava de nós mesmo, só via má vontade. E tinha hora que os próprio policial, sabe o que eles fazia? Chegava aqui, no lugar do tiro, tentando enfiar o dedo dentro. Não é o tiro dele mesmo que apelava com eles, falava: “oh moço”, eles queria acabar de matar.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Então foi uma situação muito difícil, a mãe dele ali, é mulher forte, Nena. Complicado. Hoje tá bom, assim, umas coisas, né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Mas do jeito que vai, ainda tô com medo!

ENTREVISTADORA: É mesmo? Por quê que o senhor fala?

JOSÉ: Hm? A situação tá duma maneira que eu diria que o nosso povo indígena não são respeitado, não.

JOSÉ: Não tá tendo respeito. Porque as própria administração... Parece que é uma coisa que a gente não tem esse direito! E a gente não tá aqui nem invadindo lugar de ninguém, não tá tomando nada de ninguém, nós tamo apenas (trecho incompreensível) aquele direito que é nosso, a gente tá querendo aquilo que é nosso, que nossa população tá crescendo.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Né? Nós não quer nada de ninguém, mas o que é nosso, nós quer, porque um ano, depois, aqui não vai caber. Eles vai entrar no que é dos outros? Não! Se nós temos o que é nosso, nós quer o nosso, nem que fique apertado! Mas nós tem que ficar junto!

ENTREVISTADORA: Seu José, só voltando um pouquinho, quem que participou desse atentado contra o senhor?

JOSÉ: Moça, eles eram um bocado.

ENTREVISTADORA: Era um bocado?

JOSÉ: Tinha o (trecho incompreensível) Alfredão, filho de Alfredão...

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: E outros parceiro aí que era tudo combinado, eles era um controle entre eles. Então, eles faziam os (trecho incompreensível), cê vê que foi tanto que eles organizava, que aqui tinha o Reinaldo na época, o próprio delegado chamou pra depor, né. Aí o Reinaldo foi levar a pessoa (trecho incompreensível), quando Reinaldo chegou lá, Reinaldo dando depoimento, ele pegou e processou o Reinaldo. O chefe de posto, ele processou o chefe de posto, chegou um ponto que ele teve que sair daqui, que ele não podia ir mais na Manga, o único lugar (trecho incompreensível) os cara perseguia ele.

ENTREVISTADORA: O chefe de posto.

JOSÉ: Tava seguindo o chefe de posto também.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí através da Funai, o Rodrigo pegou e teve que afastar ele um tempo, porque ele chegou a ser perseguido na Manga, os cara caçava ele pra (trecho incompreensível), porque naquela época delegado, polícia, prefeito, era tudo favorável um ao outro, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Não era bem favorável a nós. Agora graças a Deus a gente contou com esses apoio, com as entidade pequena lá fora e a correria que a gente fazia pra Brasília, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Que hoje tem (trecho incompreensível) tava junto com nós (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: (inaudível).

JOSÉ: Era. Ela trabalhou na rádio Inconfidência em Belo Horizonte, era quem passava toda correspondência pro nosso povo. Desculpa.

ENTREVISTADORA: Não, sem problema. São coisas muito difíceis, né, de lembrar mesmo.

JOSÉ: Eu quando vi meu primo jogar uma mãozinha de arroz na boca pra (trecho incompreensível) e morrer intoxicado, que deram arroz pra ele pra matar a família dele, sorte que ele pegou esse arroz e jogou na boca, que invés da família comer, só ele só que comeu. No momento exato ele morrendo e (trecho incompreensível) tudo.

ENTREVISTADORA: Quem que foi?

JOSÉ: Finado Raimundo. (trecho incompreensível) o que faltou sobrar pra nós tudo. Lá no sapé nós fez um tanque e a água caía um pouquinho assim, né, para alcançar outra água. (trecho incompreensível) o pai dele ali conheceu a diferença, “menino, pega a água de lá, não pega essa água que tá aqui não, essa água aqui não é assim!” e ele insistiu ali (trecho incompreensível) né. Naquele momento chega o gado do (trecho incompreensível) ele afastou, o gado bebeu aquela água. E já pra nós ele não deixava panhar da água lá não, que o costume era pra panhar mesmo, pra beber, lavar roupa e tudo, né. Ele não deixou. “Pega a que tá caindo dentro da bica, do olho d’água”. O gado bebeu, com dois dia o gado tava caindo o cabelo tudim. A água que tava lá, quando foi ver a água tava envenenada.

ENTREVISTADORA: O senhor sabe quem que envenenou?

JOSÉ: Isso aí eu não sei, não. Isso aí é os parceiro lá que era do prefeito, né.

JOSÉ: Quer dizer que tava criando, tava com a criação lá e a gente fez com que eles tirasse né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: No local já tinha vários barraquinho indígena, e nós fomo de um lado em outro, ai eles ponhasse o veneno lá, muitas criança daquela ali ia usa aquela água né? era o costume de usar

pra cozinhar, pra lavar roupa, pra beber, tudo era ali, nessa época não existia água encanada.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Eu sei que houve muitas criticas com vários companheiros meu aí, pesada, que eles não podiam andar e eu saia assim mesmo, tentando ver oque que eu podia fazer, teve dois deles que eles pegaram, foi preso, ai lá eles para se defender, eles começaram a judiar deles, eles me contou isso pra.... só falou isso pra mim.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Não falaram assim pros outros, começou judiando deles lá, ai pra ver se eles liberava eles, ele pegou e falou: Digo não, quem manda lá e Zé do Bemvindo, ai diz que ainda deram umas puxadas neles lá, ai pegou e soltou eles, digo: pois é, então nós vamo é atrás deles, o dia que nós for lá é pra vc ajudar nós a pegar eles, ai eles invem, quando chegou cá ele (trecho incompreensível) digo: É Zé nós fizemos uma coisa contra você, eu: que foi moço? Teve jeito não, cê ficou como chefe, cê é o chefe nosso lá. Eu digo: cês ta doido moço? Eu sou chefe no que? Não moço, aquele delegado é ruim, não presta não.

ENTREVISTADORA: Quem, o delegado aqui de Itacarambi?

JOSÉ: Itacarambi, pode correr dele, porque onde ele por a mão no cê, cê pode correr, por que nós mesmo não vamo esperar aquele troço mais não. E nós tinha que falar que ocê era quem mandava lá, vê se ele largava nós, falei ta bom, tenho nada. Aí comecei rodando, quando foi um dia que eles marcaram uma APAC, aí a gente já tava sabendo que eles tavam planejando junto com as pessoas que me indico né? Aí eu preparei mais seu Rosalino, nós pegamo, isso pra mim

era umas 4 horas da manhã, passamos em Januário o dia tava clareando, foi embora, tava entrando sugegado, aí eu já fui direto pra rádio em Montes Claros né? Quando eu tô lá na rádio anunciando, pedindo reforço pra ajudar cá, daí a pouco já chegou foi um telefone: É o Zé do Bemvindo que tá aí? Digo: É. Quero falar com ele aí, digo: Ai ai ai, ai que eu atendi era o comandante lá de Montes Claros. O Zé do Bemvindo cê não tá invadindo a fazenda lá não? Digo: Moço eu tô pedindo é reforço pra mandar pra lá, que diz que vai invadir lá. Digo: É moço cê tem sorte, tem um mandato pro cê aqui, pra gente acreditar nas coisas mesmo, que não pode, tão usando seu nome lá, que invadiu lá, fez uma bagaceira lá nas casas suas lá, eu digo: Eu tava pedindo reforço era pra isso, pois é, cê fala na rádio aí, depois cê dá um jeito aí e cê vêm aqui no quartel, entrei ainda pensei assim, é hoje que

nós vai pro pau. Aí tinha um rapaz mandou chamar o Luiz Chaves, Luiz Chaves veio, digo: Vamo lá moço, ou tá com medo de ir? Ele disse: não, vamo embora, aí nós foi, aí quando chegou lá ele falou: cê tá indo pra onde Zé? Eu digo: eu vim pedir o reforço aqui, tô indo pra reunião na Trindade e outra em Valadares. Aí ele foi e falou: Moço, cê é perigoso viu zé, que ocê com um mandato que você tá, todo mundo no seu pé, e ocê ainda tá rodando pedindo ajuda? Eu digo: Uai eu vou fazer o que moço? Sou obrigada, vou deixar ele judiar do meu povo? Aí ele disse: tá bom, aí ele pegou e fez uma carta.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Me deu durante aqueles 30 dias, qualquer pessoa que chegasse ne mim era pra eu apresentar essa carta.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: (Trecho incompreensível) Salvador, uma reunião (trecho incompreensível) aí foi a única coisa que provou um pouco assim, que eles tavam usando meu nome, mentindo, arrumando até testemunha falsa contra mim, lá nós foi descobrir, e quando eu fui preso mesmo lá em Januária, que foi pra depor contra mim, a promotora percebeu 2 testemunha que era comprada, por que quando elas chegou aqui me viu....

ENTREVISTADORA: Uhum

JOSÉ: Elas pensou que era outra Zé, quando elas me viu disse: É ocê que vai tá no fórum aqui agora? Eu digo: É... Ah não, eu não vou testemunhar contra ocê não, eu digo: Uai, como é que cê

testemunha com uma coisa... bem assim o sargento falou com ela: Uai, como é que a senhora testemunha uma coisa se a senhora não sabe quem é a pessoa? Digo: não é que nós pensava que era outra pessoa, eu digo aê merece ser é presa também, cês tão ganhando pra isso não tá? Ah tamo, mas nós pensava que era outro, digo: pois é, cê ocês não for embora agora quem vai prender ocês é eu. Foi na hora todas duas virou pra trás, ai ficou faltando testemunha.

ENTREVISTADORA: Aham.

JOSÉ: Quando foi o advogado de lá torno a chamar ficou faltando as 2 testemunha, ai quando foi na outra vez já faltou 3. Ai foi a onde....

ENTREVISTADORA: Mas o senhor chegou a ficar preso mesmo assim?

JOSÉ: Fiquei.

ENTREVISTADORA: É? E quem que mandou, ordem de prisão do senhor?

JOSÉ: Isso aí era mandando pelos delegado de Itacarambi, a polícia militar.

ENTREVISTADORA: O senhor lembra quem que era delegado de Itacarambi nessa época?

JOSÉ: Moço lá dessa época foi tirado uns três lá.

ENTREVISTADORA: É?

JOSÉ: Eu só lembro bem desse nojento que era o Antônio Reis.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: O povo chamava ele de doutor Antônio Reis, esse eu lembro bem, agora teve outros delegados lá eu não to lembrado não, que ele vinha o povo denunciava, tirava, trocava de delegado né? Eu cheguei vim, vim de reunião de lá pra cá eu descia lá no Fabião e vinha de pé por dentro da mata pra poder sai aqui (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Escondido?

JOSÉ: Escondido, eu descia lá no doutor peba, e tinha que descer lá (trecho incompreensível) só o gerente lá que já me conhecia, falava: "cê desce e vai lá pro fundo pra lá, não fica aqui, se ele ver ocê aqui é perigoso ele chamar os homi", ai eu descia na frente da fazenda dele, aí tinha uma

igreja católica assim, ainda tem até hoje lá, ai eles mandava, “cê vai pelo fundo, corre pra de trás da igreja e vai lá pelo fundo de trás das casas da outra rua”.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S
ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: “Que lá é um menino meu que ta lá naqueles lote lá, cê pode encostar pra lá que eu já falei pra ele, quando cê vim manda ele deixar você aqui”, ai lá conforme a hora eu ficava por lá mesmo, se eu chegasse cedo, desse tempo de eu subir a serra eu subia a serra pra riba, batia na perna de lá pra cá, por dentro passava lá no Sumaré, por baixo ali (trecho incompreensível) Custódio, eu ia lá pro Sapé. Aí teve uma série de coisa aí, que não dá pra gente lembrar tudo, né? Que aconteceu de Renatinho, o (trecho incompreensível). Chegava na casa deles, pra insultar, não sei, tomando boca com as mulher, outras vezes vinha com aqueles (trecho incompreensível) dizia: “(trecho

incompreensível) no dia que nós tornar a voltar aqui, que não achar, nós vamo montar na garupa do burro e carregar, (trecho incompreensível) que aí eles tem que aparecer”.

ENTREVISTADORA: Isso foi na casa de Renatinho e quem outro? Que o senhor falou?

JOSÉ: Foi o velho Servino, o Renatinho era o porteiro.

ENTREVISTADORA: Uhum. Então foi o Renatinho que fez isso.

JOSÉ: É. Ele foi lá em casa também, ele e Alfredão foi lá pra ver se pegava mulher. E acertou, no dia que ele foi, a mãe dele também tava lá em casa. Ela correu, as duas, dona Elisa com dois menino e arrastando um, e vindo com dois e arrastando outro. (trecho incompreensível). Outra vez eles deu um tiro no coqueiro lá, esse coco da Bahia, de lá da porta da frente eles atirou na porta do fundo (trecho incompreensível) que a bala pegou, traçou, quem era de lá fora via o buraco no pé de coco. Ficou muito tempo lá, quando a bala passou. Do mesmo lado que ela foi, que ela saiu na porta, ela saiu e virou, né, foi que eles atirou lá na direção. Não pegou ela, pegou no pé de coco a bala. E elas entrou, tinha um olho d’água, um brejinho lá no fundo, entrou pra dentro desse brejo alto lá, que era um mato bem verdinho e fechado, arrastando esses menino e correram pro lado do (trecho incompreensível). Essas alturas, (trecho incompreensível) e os outro também foi correndo tudo. Aí foi, quando escutou o tiro (inaudível).

ENTREVISTADORA: Seu Zé, mais cedo o senhor falava do envenenamento do arroz. O senhor lembra quem que envenenou o arroz do seu Raimundo?

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

JOSÉ: Ele tinha um nominho pequeno, esse homem. Eu lembro aí da... Foi Sumaré. Não lembro o nome dele não, o moço que deu arroz pro finado Raimundo.

?: (inaudível)

JOSÉ: Não é Zé Pequeno, não. Ele tem outro nome, pequeno. Ele era até um carpinteiro. Lá ele dava servicinho assim a troco de besteira pro finado Raimundo. E ele, com essa luta toda, o índio não tinha malícia, né.

?: Não foi só no arroz não, foi na pinga também.

JOSÉ: Aí foi pra lá, chegou lá e fez essa malvadeza com ele. Cê vê que a pessoa que trabalhava com ele, o cara fez isso. Era pro outro ter muito cuidado, porque muitos deles movimentava no

meio nosso, assim, fingindo que era favorável, mas não era favorável.

ENTREVISTADORA: Ah é? Como é que era isso?

JOSÉ: A gente tinha que ficar em alerta, porque colocava a pessoa pesquisando lá, tinha lá um homem que contava a vida do (trecho incompreensível) ele vinha, passava pra lá e pra cá, proseava, proseava mais o pai dele. "Tô cansado de ver (trecho incompreensível) abre o olho com esse homem", daí o homem vinha só ver se ele tava na casa, passava pra lá e pra cá, só ver se ele tava por ali pra poder indicar, é. Era tipo pessoa indicadora. Isso aí tinha um bando aí quem indicava.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Quando a polícia vinha, eles indicava. Se tava na casa ou não tava.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Né... Informava. Só que aqueles que a gente foi descobrindo que dava essas informações, a gente foi tirando eles pra fora, que uma pessoa dessa forma não tinha como cê ficar aliado com esse tipo de gente, não.

ENTREVISTADORA: E eram moradores daqui mesmo, seu Zé? Quem que era essas pessoas?

JOSÉ: Na época tinha uns que era, eles morava mas não era bem pessoa daqui, né.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

ENTREVISTADORA: Sim, sim.

JOSÉ: E outros às vezes até nasceu aqui mesmo. Eles fazia isso porque isso aí através de dinheiro, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: De poder, que eles achava que o poder que ia ganhar, né. Aquela pequena história que eu dizia a você, assim, tem coisa que eu ainda tenho medo daqui.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Porque muitos pensa que isso aqui é o maior, e ele pode ser o menor de todos, então isso que tá a dúvida aqui. Esse que é o conhecimento que muitos pode confundir ele, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Pode confundir ele. Sempre eu tenho falado isso, a gente tem que usar aquilo que é o tradicional nosso, a gente tem um diferenciamento, a gente tem que ver ele, procurar uma maneira, quem é o nosso mestre, quem é os líder, né? Saber que cê pode confiar naquilo, saber que cê pode fazer aquilo. Não é só a gente dizer “ah, eu sei”, e depois estiver tudo errado lá, e pra consertar? Né? Aí que é o problema. Então nisso que eu falo que tem muita coisa que tem hora que a gente ainda fica assim com medo, que vem muitos avanços também por lá, tentando buscar, né. E quem busca pra ajudar, tudo bem. Quem busca, só quer saber do que cê tem, pra poder saber como é que eles vem prejudicar...

ENTREVISTADORA: Só observando, né.

JOSÉ: É. Por isso que eu falo assim, tem muitas coisas que eu ainda tenho medo, porque tem, por exemplo, tem cinco favorável? Mas acontece que (trecho incompreensível) já não é, né? Isso aí tem questão de poder pelo meio. É onde sempre eu peço muito, muito dos nosso (trecho incompreensível) eu digo: “cês toma cuidado, assunta, aonde vai entrar”, porque cê só consegue as coisas quando cê bate na porta certa! Se ocê bateu na porta errada, aquela não vai abrir.

JOSÉ: Que a barreira tava feia. Mas como a gente tava conseguindo ir nas portas certa, foi, a gente voltou lá de novo, quando voltou (trecho incompreensível), é assim. Aí um deputado lá acompanhou nós, fomos direto, falou do... Eles não pode recusar eles, não. Diretamente. E quando nós foi pro major, o major fez o mesmo, pensou que nós chegou, discutiu uma vez, aí pronto, aí ficou liberado.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Mas cê vê que eles usaram até os mesmos indígenas embarrando o próprio indígena.

ENTREVISTADORA: (inaudível)

JOSÉ: Lá em Brasília.

ENTREVISTADORA: Ah, é? Como é que foi essa ida a Brasília, seu Zé? O senhor lembra quem

era esse deputado, major?

JOSÉ: O major, eu só sei que ele era o major, né, que era o comandante das polícia lá. Agora, o deputado, esse que atendeu nós lá, é Marcelo, acho que era Marcelo Costa.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: E daí pra cá a gente vem conhecendo (trecho incompreensível) Santiago, os outros, que a gente foi tomando conhecimento com eles, né. Tinha muita comunicação com esse povo mais velho aqui, (trecho incompreensível). Aí esses outros foram entrando, tomando conhecimento com a gente lá, e a gente com eles, né. E foi dando essa força, ajudando. Teve uma comissão lá do sem terra na época, de sem terra, os negro, cigano, sei que foi uma misturada! Tinha muita gente, que a praça ficou tombada né. Indígena, acho que tinha pouco só aqui do Xacriabá, os outros indígenas tava assim! Aí lá teve um empasse, os sem terra fez uma previsão com a gente, combinaram com os deputado e o (trecho incompreensível) chamaram até Antônio (trecho incompreensível) esse pessoal do simi que tava lá. Aí o pessoal dos sem terra foi e prometeu, eu

digo: “ôia, já que nós temo vários conhecimento aqui com os indígena agora, nós vamo fazer o seguinte: até que nós saber que é dos índio, nós não vamo entrar, não é pra mexer!”, aí houve aquele contato da gente com os sem terra, aí com os negro, pedimo pra um dar força ao outro. Aí foi que a gente se juntou tudo, quando eles tentou barrar pra gente não entrar lá, não teve jeito! Disse que só ia entrar os índio. Aí ficava eu aqui, um índio lá e um sem terra no meio, outra hora era um negro no meio. Aí o (trecho incompreensível), como era mais pequeno, nós colocamo eles tudo de frente e a barreira policial lá. Um vinha, empurrava o policial, naquela, eles não jogavam spray de pimenta, né, nem bala de borracha, os (trecho incompreensível) era miudinho, vinha e tchum, debaixo das perna dele. Na hora que passou uns quatro, aí eles abriram, deixa passar que nós não tem jeito, não.

ENTREVISTADORA: Mas isso era num congresso?

JOSÉ: No congresso.

ENTREVISTADORA: É mesmo?

JOSÉ: Aí nós enchemos lá e esse trem, e fomos o dia inteirinho debate. Aí tinha esses povo do apoio dos sem terra, né, de igreja e tudo, debatendo. Deu muita força pra nós, pediu muito apoio para os negro e nós, tudo né. Foi duas reunião grande que eu fui, foi essa e foi uma reunião que teve lá em Trindade, que essa época parece que (trecho incompreensível) tinha 70, da avaliação.

Tinha gente de todo país. Fiquei lá de 6 a 9 dias na Trindade nessas reunião aí. Nessa época, essa Marina, foi candidata a deputada, era magrinha, desse tamaninho, só tirando foto (trecho incompreensível) na época.

ENTREVISTADORA: A Trindade é aonde, seu Zé?

JOSÉ: Ham?

ENTREVISTADORA: Trindade é aonde?

JOSÉ: Perto de Goiás.

ENTREVISTADORA: Ah, sim. Lá, centro oeste.

JOSÉ: É. Aí dessa vez nós tivemos até uma palestra muito com os índios lá de Goiás mesmo, e foi com os índios lá do Maranhão.

JOSÉ: Os caraú deu muito, assim, uma reavivada na gente, que a gente ficava aqui, não tinha muito contato, né. Então os caraú deu muita força pra nós também. Aí eles, o que eles mais pediram, “vocês têm que reforçar! Reforça, reforça, porque senão cês perde. Cê sabe que o povo quando quer o direito de terra, a tendência deles é comprar e reforçar o lado deles, o que eles não conseguir levar de uma forma, eles leva de outra”. Aí a gente foi se preparando devagarzinho, que nós era espalhado, né, que fazendeiro pra um lado, fazendeiro pro outro, tudo misturado já. A gente continuou juntando lá o brejo, Tapicuru, as parte mais reforçada, né. Aí veio São Domingo, lá o Mundo Novo, Prata... Aí foi pega dali bananeira, a turma só crescendo, só... Eu sei que teve um mutirão lá no Sapé, que o mutirão no mínimo tinha uns 300, 400 homem.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Mulher, quando o carro da polícia chegou lá pra travar, a mulher tava quase como daqui à cabeceira do Açude. Umas com criança no braço, as que não tava com criança tava com pedaço de pau, digo: “aqui não”. Pegou, sempre rebatendo o lado que nós tava, nós tava lá com... Aí aquelas criancinha só assobiando, falava ‘ó, o menino tá assobiando, é a polícia”. Quem tiver de problema, vai ficando por fora e os outro vai encostar.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí quando nós chegamos lá, tava um bocado dos policial de Itacarambi. Aí já no outro mutirão que nós fizemo que tinha um estava o dobro de homem, mulher, foi quando foi o reforço do exército, liberação das terra. Tinha gente até de caminhão de fogo pra soltar quando ganhasse as terra. Aí quando chegou lá, que o batalhão viu o número de indígena no mutirão, né, que todo mundo veio derrubando, eles não via, daqui lá cheio de homem, aí eles pegou a bandeira vermelha, jogou pra trás e pegou a bandeira verde e jogou pra frente. Quando eles viu aquele número de homem. Quando (trecho incompreensível) que eu falei, tava assim de mulher. E foi entrando na frente desse indígena (trecho incompreensível) exército, tomando a frente, tomando a frente até eles ter que parar.

ENTREVISTADORA: Era muita gente no exército?

JOSÉ: Bem, tinha (trecho incompreensível) daquele jipão quase da altura (trecho incompreensível) passar, ficava o rego d’água. Tava o carro dentro do brejo, tudo passava.

JOSÉ: Eles eram um bando. Fui lá.

ENTREVISTADORA: E esse (áudio ruim)

JOSÉ: Mas só que eles foi lá achando que não existia o indígena, né?

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Que antes já tinha tido (trecho incompreensível) já tinha tido uma pesquisa aqui do Xacriabá, como não tinha índio.

ENTREVISTADORA: Feita por quem essa pesquisa?

JOSÉ: Ham?

ENTREVISTADORA: Quem fez essa pesquisa pra dizer que não tinha índio?

JOSÉ: Foi feito por (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí lá pediram eles pra dizer que aqui não tinha índio, pra não por como tinha índio.

?: A própria Funai.

ENTREVISTADORA: A própria Funai?

JOSÉ: Aí quando eles...

?: (inaudível).

ENTREVISTADORA: O presidente da Funai mesmo, cacique?

?: É.

JOSÉ: Aí quando eles entrou de lá pra cá, que foi passando, ainda teve deles que quando viu mesmo que tinha os indígena, ele se sentiu que se ele tivesse fazendo aquilo, ele tava fazendo uma traição muito grande, né? Aí ele foi pondo, aqueles indígena mesmo ele foi localizando. Aí quando entregou lá (trecho incompreensível).

JOSÉ: Que lá naquela região ali brejo, embaúba. Nessa época lá ainda tinha indígena, morava dentro das grutas, escondendo lá. Mesmo que conhecia, mas morava dentro das gruta. Tem um lugar que eles tinha mais é lá dentro. Aí que eles ponharam certo como tinha indígena mesmo.

ENTREVISTADORA: Sim

JOSÉ: Que ali região brejo, embaúba, sapé, ali faz parte mais segurou, assim, da parte indígena mesmo, dos mais forte, foi escondido ali, né. Itapicuru. Então houve isso aqui, eles tentaram ver isso.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Mas não conseguiram não, que a pessoa ainda pôs como existia o indígena, e como existe até hoje.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Existe uma misturazinha aí pelo meio, mas a gente não tem culpa disso não, que o culpado é eles que vem misturar no meio nosso, né. Não somos nós, não. E o que eu vejo assim que a gente não tá aí pra prejudicar ninguém, não. Aqueles que, como diz, um trem branco que vem lá

de fora pra trabalhar com a gente, a gente trata é de respeitar e tratar bem, é o que importa pra gente hoje, não tá aí pra brigar e nem pra discussão com ninguém não. Eu mesmo, aconteceu esses trem tudo, essas bagunça tudo, mas tem coisa que digo “você não tem raiva não?”, eu falo: “eu não, já passou, acabou. Pra quê isso?” (trecho incompreensível) né? O que passou, passou. Besteira. Sempre em reunião eu falo assim: “olha, que (trecho incompreensível) eu sou mais satisfeito de qualquer um bater em mim, mas não bate no que é meu, não. Eu penso isso de qualquer um. Que é triste quando você vê o que é seu, atacado, e muitas vezes você não poder fazer nada. E eu vi uma pessoa minha sendo pisada. E eu do outro lado, encostado, e não poder fazer nada. É muito triste, a pessoa algemada, caída, de barriga pra riba, e o outro pisando de riba. Umas qualidade que, pra uns a gente não é bem visto, mas enquanto isso a gente não, eu penso que não esmoreça não, a gente tem que lutar e batalhar pra, lutar enquanto Deus tá dando

a saúde pra gente. E defender, né, enquanto tem um e outro apoiando o outro. Que é um direito que a gente tem, ajudar a defender. Inclusive eu sustentei essa palavra, eu tinha 10 anos na época quando o seu Rodrigo pediu dinheiro pra ir pra Brasília. Nessa época eu tinha 10 anos, que eu nasci lá na aldeia Tapicuru. Aí pedindo esse dinheiro pra ir pra Brasília, que não tinha o recurso na época. Aí um dava uma moedinha, um dava outra, até ele foi. Aí eu menino fui e falei assim: “quando cê voltar eu vou ajudar a defender as terra”, nem eu lembrava disso que eu tinha falado pra ele, e ele falou que foi e não esqueceu, nós já morando aqui, quando eu recebi a chamada, “cadê, Benvindo, o menino seu que falou que ia ajudar eu a defender as terra? Agora eu vou precisar dele”, “e agora, rapaz? Cê falou!”, digo: “vai”, “eu vou!”, pois é, lá, e vai... Agora pegar com Deus pra ver se volta, porque essa luta aí é perigosa. É uns pra defender um ao outro, mas não é todos que vai salvar, não. Que ela é pesada! Eu digo: “tem nada, não, Deus olha pra nós”. (trecho incompreensível) de lá do Sapé tinha vez que eu vinha de noite aqui avisar meu pai que ia ter reunião ou que ia ter qualquer coisa, eu mandei ele sair daqui de noite, mas minha mãe de pé, que eles andava de pé, pra no momento certo eles estar lá no brejo, estar lá na casa do pai dele aqui.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Casa do pai dele aí era dia e noite, cheinha de gente. Era difícil quando ele dizer, ele desse um grito ali, imediato tava assim de gente em volta da casa. Cê veja, hoje às vezes a gente pode cuidar das coisas, né, de primeiro não tinha um telefone, não tinha luz, não tinha nada disso, e rapidinho o recado de lá do posto vinha pra aqui, ia pros outros local todinho no momento que o povo tava tudo ali. E hoje com tudo na mão, a gente sente mais dificuldade.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Porque hoje tem celular, tem um bocado de coisinha aí que as comunicação é rápido. Naquele tempo não! A comunicação era um cavalo, não tinha moto, não tinha nada. (trecho incompreensível) um cavalo lá, já passava num barreiro, na direção da liderança (trecho incompreensível) na direção da liderança, já avisava, e as vezes não tinha (trecho incompreensível) sempre gostava de (trecho incompreensível) ele era o homem que sempre recebia as reunião na casa, avisava ele, recorria lá em pai. Aí aqui já entrava por dentro pra poder avisar o Zé Antônio, Zezão, e era (trecho incompreensível) pronto, ia embora. Podia ir embora sossegado, quando chegava lá já tinha um bocado desse povo tudo lá, já chegava lá e tal, um bocado deles. E enxia de gente. Tanto que (trecho incompreensível).

JOSÉ: Pra poder caber o povo. Mas sempre ele dizia que ele preferia ser adubo da terra, mas ele não entregava o que era dele, que quem ficasse, ia ser feliz no mesmo dia. Hoje, não foi só um dia não, hoje já tá com um tempo. Que, em vista do que era, arrumamos um tesouro e tá sossegado ainda. Deus há de abençoar que ele ficando, né. Como diz, né, não é tudo que nós quer que (trecho incompreensível é obrigado a lotear pra dar, nem eu e nem outro, né? Porque nem tudo que a gente quer a gente consegue adquirir.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Né? A gente tem mais que ver, olhar um ao outro e considerar, respeitar um pouco. Ver as pessoas de frente, que tá na responsabilidade de tá assumindo alguma coisa. Isso que a gente tem mais que preparar pra ver é isso. O que a gente vê que tá dificultando é, isso é dado por Deus, é a chuva, a situação que tá aí. De primeiro, nosso povo mais velho conservava a natureza dessa daí, que onde plantava uma roça, tinha muita madeira que a madeira de (ininteligível) pra durar seis anos, dez anos. Criação, era criação de boi e de porco que tinha naquela época, nós não ficava (trecho incompreensível) mato igual a gente tá hoje (trecho incompreensível) aquela roça ali, quanto mais trabalhava nela, aí que ela produzia, né? Então não tinha esses estirão de mato assim, não. Era conservado. Seu Euzébio aqui mesmo, tinha, a família dele era grande, mas a maioria (trecho incompreensível) era tudo conservado, que se procurava aquele lugar baixo e trabalhava só ali, plantava mandioca, era o feijão, era tudo. E tudo produzia! Lá diante da casa do tio dele, em Rosário, apareceu um feijoa rajada, a gente chamava ela (trecho incompreensível) era rapazinho,

tinha derrubado uma roça assim. “Eu vou derrubar essa roça em volta dessa pedra, que é pra vocês ficar (trecho incompreensível) as criação alguém quando vim de lá”, eu digo: “tá bom”. Ali eles fizeram aquilo lá, eu fui lá e peguei um copinho daqueles ali, daquela feijoa, catei. “Pai, eu vou plantar essa feijoa”, aí meu avô ainda falou assim: “porque você não cata mais e planta, meu filho? Você não vai dar conta de colher se você plantar mais”, “será pai?”, “vai! Você planta mais desse copo aí pra você ver”, colhei esse feijão e pus outro. Aí peguei aquele copo de feijão e plantei em volta da pedra assim. Só o pai colheu trinta quarto de (trecho incompreensível) e fora o que ele deu pros outros panhar.

ENTREVISTADORA: É mesmo?

JOSÉ: Que naquela época, você plantava um pé de feijão, o feijão ficava dessa altura. Você pegava um pé de feijão e tava pesado, né. As coisas produziam! Milho, era um erro você chegar num pé de milho e dizer assim: “só tem duas espiga”, né. (trecho incompreensível) era um milho preparado para os índios fazer o fubá pra comer, né.

ENTREVISTADORA: Seu Zé, falando nessas coisas da cultura, né, da culinária, como é que foi nessa época, né? Porque para o reconhecimento da Funai, vocês precisavam fazer um resgate aí da cultura, muito grande, né? E ao mesmo tempo muitas vezes fazendeiro, pessoal de fora tentava impedir de fazer as coisas da cultura, né?

JOSÉ: Ah, teve! Teve esses impedimentos mesmo. Até na fala dos indígenas, teve que modificando a fala, pegamos o jeito da fala deles, né? Pra não falar naquele. Nós tinha muitos indígenas aí no sapé, que naquela época eles solucionava as coisas mais na base do idioma, né? Porque até hoje ainda tem pessoa mais velha lá que você pode olhar que tem um sotaque ainda, gesto do idioma. Mas não podia usar aquilo na presença deles, que era, que eles não aceitava. Por exemplo, uma noite cultural, pra fazer uma noite cultural tinha que caçar (trecho incompreensível), se eles observava, eles ia lá e atacava aqueles povo indígena. Aí foi inventando outras coisas, eles mesmo trazendo outras coisas, que nem ariri. Ariri não é, é coisa transnordestina, né? É de lá do nordeste. Aí foi jogando essas outras coisas no meio pra tá tirando o tradicional interno dos indígenas. Falando que fui no curral de vara, os índio foi afastando, e aí lá é uma mata reservada, tinha uma lagoa. Aí lá eles começou a manifestar lá, até descobriram que esse tiozinho tava manifestando nesse local. Quando foi um dia, os índio tava reunido lá, manifestando, só recebeu o ataque. Lá morreu dois e outros, saiu, até hoje que nunca apareceu mais.

ENTREVISTADORA: É mesmo? O senhor sabe quem morreu?

JOSÉ: Ham?

ENTREVISTADORA: O senhor sabe quais foram os indígenas que morreram dessa vez?

JOSÉ: Ah, eu não sei não. Era zé do povo, parente de pai, até do seu Rodrigo, que eles matou.

ENTREVISTADORA: Dos Gomes?

JOSÉ: É, dos Pinheiro e dos Gomes, que eles eram mais do brejo mesmo, (trecho incompreensível) da cabeceira assim pra lá, que às vezes tinha um olho d'água lá, e os indígenas

bem mais velho fez um engenho de pau, eles mesmo preparava essas garapa lá, né. E o povo juntava mais era pra lá. Ali primeiro era um água, que o olho d'água lá era um bitela de água.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S
ENTREVISTADORA: É?

JOSÉ: Hoje acho que até isso acabou, né. Mas essa proibição aí, toda vida eles proibiram. (trecho incompreensível). Ela chegou a gravar, não sei se foi com Ana, lá no fundo (trecho incompreensível) gravou ela lá falando um idioma. Acho que ela não ensinava porque era perigoso, né. Esse povo não gostava que falava idioma. Mas cê vê que lá muitas pessoas, aquelas pessoa que conversa com aqueles sotaque, ali é o gesto do idioma, que não perdeu na fala deles, assim, pra pegar a fala, que nem eu falo, outros fala, eles não fala. Eles têm aquele sotaque. Tem alguns menino aqui, ó, do (trecho incompreensível) cá em cima, as menina que são mais assim, puxando a nação do avô dela lá, ela conversa assim por causa do sotaque. Mas puxou mesmo o sotaque, não tem a conversa limpa igual os outros não, aquele sotaque, né. Aquele é um sotaque deles, lá eles tinha aquele sotaque direto. Se eles não quisesse assentir de alguma coisa, eles ficava daquele lá, juntava a turma lá pra dar risada do cê, cê não sabia o que eles tava falando, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Que era um povo do finado Abílio, finado Jerome, e finado Mariano. Esses tinha mesmo o sotaque. Tinha os menino dos Pinheiro, lá do coisa também, que morava lá na terra preta, era um povo (trecho incompreensível) precisava ter muito conhecimento pra chegar neles, aí chegava, falava assim, dava aqueles toque, mas depois eles disfarçava, que eles tinha muito medo dos acontecimento, né, ficava próximo do córrego, que era de Itacarambi, tinha muita água. E todas pessoa que vinha de fora, só via visando a beira do córrego. E morava próximo, os cara ia lá,

ameaçava eles direto. Outra vez botava eles pra trabalhar pra eles, mas não era pra falar daquela forma. Ficava reclamando. Era tanta discriminação. Discriminação mesmo foi ver foi pouco tempo pra cá, né. Era discriminação mas nós aqui dessa região, tinha nada a ver não. Funcionava a esma coisa.

ENTREVISTADORA: Seu Zé, e o senhor lembra alguma coisa do prefeito Vicente de Paula Correia? Porque a gente viu que ele tinha, chegou a ter terra aqui dentro, né, da terra indígena.

JOSÉ: Teve, ele foi candidato, ele deu (trecho incompreensível) dessa terra, aí quando ele ganhou pra prefeito, (trecho incompreensível) isso acho que houve algum interesse pelo meio, formal de, ele se aliou com uns daqui mesmo da reserva, achando que, pegou e fez aquele projeto da barragem lá.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aquilo foi levantado por ele.

ENTREVISTADORA: Ah, é? Aqui de Itapicuru?

JOSÉ: É.

ENTREVISTADORA: Então ela é mais antiga.

JOSÉ: Ham?

ENTREVISTADORA: O senhor lembra de que época que ela é? Porque ela então é mais antiga, né?

JOSÉ: De processo, é antigo. De processo é antigo. Ela foi levantada agora com a luta das terra, que eles achou que se levantasse ela, ficava mais fácil de convencer o povo.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Até houve um debate em cima do aterro dela lá.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Que o debate que teve lá, na combinação da Funai, a placa era pra ser na frente da casa de Rosário (trecho incompreensível) falou com você não?

ENTREVISTADORA: Falou não.

JOSÉ: A placa era pra ser lá, essa placa que tá cá. Aí como a gente se consultou com meu pai e o velho Didi e Osvaldim, o velho Bião lá do Sumaré, eles não concordou, que o velho Bião ainda propôs? “pra mim tá fácil de eu passar pelo lado de dentro”, que a placa vem pegando a estrada direto, uma placa ia ser na frente da igreja de Sumaré, a igreja católica. (trecho incompreensível) ia ser no benefício da (trecho incompreensível), aquela barragem era pra beneficiar a Codesvaf,

com sapé e barra, as parte baixa ia ser pra Zé de Paula, que era barco e aquelas outras parte o prefeito ia tudo passar pra Codevasf, ligando a direção do Sumaré.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S
ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: E aqui já tinha (trecho incompreensível) já era tudo rodeado aqui, né. Aí como pai não concordou ir lá pra terra preta, que era pra mudar tudo pra lá, e a gente foi em (trecho incompreensível) “moço, como é que vai caber esse tanto de gente lá?”, na realidade assim de debate era pouca gente, mas quando fosse juntar tudo, com os que tava favorável, não entrava por medo, por falta de conhecimento, né. Mas que nós não podia jogar nenhum fora. Aí não tem jeito não, não pode não. Aí pai segurou (trecho incompreensível) já tava aqui no alto do barreiro.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Segurou a peteca também, seu Rosalino foi (trecho incompreensível) na época o Lúcio Flávio era o delegado, (trecho incompreensível) da Funai, chegou que era pra pôr a placa lá, eu digo: “não, aqui não vai pôr aqui não! A placa vai pôr lá!”.

ENTREVISTADORA: A placa (trecho incompreensível)

JOSÉ: É, da Funai.

ENTREVISTADORA: Da Funai.

JOSÉ: Mas queria pôr lá, da Funai eles fizeram pra lá.

ENTREVISTADORA: Ah, sim. Da Funai ia ser dali pra lá.

JOSÉ: Dali pra lá.

ENTREVISTADORA: Uhum..

JOSÉ: A gente não aceitou pôr a placa lá, tinha que por a placa cá. Ainda avisamos aquela parte de terra lá (trecho incompreensível) que era município de Miravânia, não era da terra indígena. Eu digo: (trecho incompreensível) é aqui, aí a gente ficou. Se aparecesse alguém, depois a gente ia atrás desse pedaço de terra, como nós foi mesmo. Aí quando pensou que não, tinha uns caboclo lá e (trecho incompreensível), os gaúcho. A gente entrou com processo primeiro, pra depois a gente ir lá. Aí fomos lá e deu dor de cabeça não.

ENTREVISTADORA: Mas qual que era o interesse nessa época do Codevasf, da Sudene aqui na região? Que tipo de projeto eles tinham?

JOSÉ: O projeto era irrigação, negócio de fazenda, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Que o sapé naquela época era o terreno mais cobiçado era o sapé e barra, era as região mais cobiçada por conta, barra é conta daquela lagoa ali, né. Que uma água daquela ali, o cara fazer uma represa ali puxa água pra riba, né. Além que já tinha uma barragem embaixo, que eles construíram. Mas um dia eles já jogou nos lugar plano e e disse: “aqui dá pra estender”, eu sei que Zé de Paula (trecho incompreensível) ali, frente da casa do seu Rosalino, foi cercando, que já tava na (trecho incompreensível) cercando.

ENTREVISTADORA: Do sapé até (trecho incompreensível)?

JOSÉ: É. Já tava cercando pra passar pra Codevasf. A gente chegou a descobrir isso, a Sudene descobriu isso. A Sudene também tava envolvida nisso aí. Cê vê que os cara que conheceu, que conhece o território, não (trecho incompreensível) pra lutar contra nós, indígena, que nem Paulo Roque.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Porque? Eles era da Sudene? Era, né. Nós era lá em, como presidente da Funai era da família, os cara mesmo botava os cara pra vir, pra eles mesmo puxar o, né... Igual Paulo Roque, veio daqui, (trecho incompreensível) aqui.

ENTREVISTADORA: Quem que é Paulo Roque?

JOSÉ: Hm?

ENTREVISTADORA: Paulo Roque, o senhor falou Paulo Roque?

JOSÉ: Paulo Roque? Era um fazendeiro que tinha aí, que tomou conta do Peruaçu tudo. Fez um desmatamento até desaguardo aqui em Riba e tal. Tem um fazendão. Mas cercar isso aí, (trecho incompreensível) de cá, e cercou a cabeceira a cá, ligando tudinho lá. Aí esse povinho aqui ficou fechado aqui nesse meio. E é mesmo assim já preparando outros, já entrou Dezinho por detrás ali, tomando, outro já tentou tomar o terreno dele ali assim, a fazenda dele. Quando viu que não ia ficar nada (trecho incompreensível) agora vamos fechar, que não tem outro jeito, né. Mas foi (trecho incompreensível) mexendo. Peruaçu era o limite, aí os menino do (trecho incompreensível) falou: “já que é limite, cês não pode tirar (trecho incompreensível) divisão, não”, “ocês dá conta ou não, tem que fazer logo direto. Abaixa a cabeceira (trecho incompreensível). Cês vai ficar no meio, e depois?” (trecho incompreensível) principal né, daqui até embaixo. Lá da (trecho incompreensível) tá ficando outra, os lugar melhor de água, os lugar melhor tá ficando lá na mão dos cabra lá. E nós fiquemo aqui nesse cerrado pra cá. Tanto que lá já tem a beira do rio de São Francisco lá, por conta do município, tem que tirar a parte pra fazer parte do município, que município não pode ficar fora, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Aí tira a parte de Missões, e vai lá pra, ficar o município, né, ficar uma terra independente assim do município, e outra parte reserva. Isso aí eu falo com os menino: “do jeito que vai aqui, não se cuida de adquirir o resto das terras não, que eu quero ver pra onde (trecho incompreensível) a mesma coisa” (trecho incompreensível) que o estado não vai dar emprego pra esse tanto de gente, tem cabimento não.

ENTREVISTADORA: Seu Zé, o São Francisco tá pra qual lado? Pra cá?

JOSÉ: É. (inaudível). Januária tá nessa direção. (inaudível).

ENTREVISTADORA: E o Viralmina, seu Zé?

JOSÉ: Moça, houve uma discussão lá com meu pai lá, que eles mediram até na barra aqui em riba, aí falou que ia passear nessa passeata, o povo deu uma pressa neles aí, nunca mais voltou. Não

veio nem engenheiro, nem chefe, nem nada. Só ficou (trecho incompreensível) na beira do córrego, que teve (trecho incompreensível), já tava querendo era o dinheiro mesmo, que os cara, quando eles tirava a terra do índio pra dar pro outro, que ele tinha grana. Aí muitos começaram

(trecho incompreensível) que nem com grana, nem sem grana, que não ia fazer aquilo. Aí foi tomando essa iniciativa com (trecho incompreensível) pai (trecho incompreensível) na casa do meu pai. Aí pai começou já discutindo com eles. Aí meu avô já discutindo, que eles tinham tirado a parte melhor de terra e dado pro fazendeiro (trecho incompreensível). Naquela época (trecho incompreensível). Aí foi o debate, eles medindo, a gente acompanhando, só a beira do córrego. E ficou marcando o local para poder fazer os corte dos terreno. Aí quando eles vieram pra fazer os corte, aí já começou a implicação, “ah não, aqui não”, “não, aqui não”, aí eles falou que tinha que ir na casa deles, depois eles voltava pra resolver aquele problema, qualquer coisa ia vim com a polícia. Não voltou até hoje. (trecho incompreensível) Aí foi (trecho incompreensível) “cê sabe que essas terra é nossa mesmo? Nós é que tamo dando bobeira?” aí naquilo o povo foi crescendo, investindo.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: (trecho incompreensível) vamos querer nossas terras mesmo. Se esses cara tava aí com tudo na mão, foram embora e não voltaram...

ENTREVISTADORA: Mas teve pensamento diferente assim, entre os indígenas, sobre isso? Sobre o quê que fazia com a terra?

JOSÉ: Assim, às vezes, pensava algumas coisas. Mas, assim, conhecimento assim, uns falava: “não, nós tem que segurar isso que já fizeram, já (trecho incompreensível)”.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Mas pra segurar, tinha que ser com o tempo, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Igual que tá aí. E outros, o levantamento deles era esse, já que já tem isso aqui, procurar uma maneira de não fazer muito desmatamento, que já tá desmatado demais, tinha que conservar, né. Mas não foi bem assim, porque a população cresceu muito, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Cê vê que de primeiro aqui, era três casa que tinha aqui. Três casa tinha aqui nessa região. Acolá tinha quatro casa, lá no (trecho incompreensível), Vai lá hoje, tá um povoado! Aqui

como é que já tá... Um povoado! No (trecho incompreensível) tinha duas casas. Como é que tá ficando aquilo ali. Não sei se você já rodou por baixo aí, o trem tá, cê sai de um terreiro e entra em outro, de gente. Esbarra lá a situação que tá! Que ali não tinha dez morador, não é (trecho incompreensível)? De cada barra lá no topo da barragem, não tinha dez morador ali! A situação que tá ali. Tem gente lá em cima no alto, tem gente na beira dos córrego, tem gente pra tudo lado, né. Então de todo jeito tava virando colônia. Ali no Sumaré só tinha aquela ruinha certa ali, ó. Só tinha aquela ruinha ali. Ó hoje, tá ligando num bairro, tá ligando em outro. Demorava a ligar na (trecho incompreensível). É por isso que eu falo, vai ficar de colônia aqui. Tem muita terra? Tem. Produtiva, né. E a terra que não vale a pena derrubar, tem que conservar o meio ambiente. Que como é que nós fica numa reserva sem que não tem que conservar, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Tem que ter uma conservação.

ENTREVISTADORA: Seu Zé, teve alguma coisa que a gente não conversou, que o senhor acha importante de falar?

JOSÉ: Isso aí é as lembrança, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Eu às vezes, eu gosto de entrar nessas conversa assim, tem uma outra pessoa assim que vai me lembrando as coisas, sabe? Que tem coisa quque tá fora do sentido, aquele outro junto aquele dali...

ENTREVISTADORA: E aí lembra tudo, né.

JOSÉ: Que é muita coisa que tem. Hoje mesmo eu tava falando pra uma menina aqui, falei pra ela, digo: "ó filha, ocês acha que ocês já conhece tudo da história. Eu acho que ocês tá enganada", eles têm professor, eles têm outras pessoas. Acho que eles tão enganado, porque tem muita coisa na história que ainda tá aí, que nem tudo a gente pode chegar assim pra e ir jogando de vez, né. Porque um tem um pensamento ali, outro tem o pensamento acolá, outro já é por ali, então as coisa, tem que fazer aquilo que o pai dele fez, busca aquelas pessoas que sabe que pode confiar

bem, ter certeza do que vai fazer, né. Então aquilo que é indicação que ele sempre falava, igual, tem coisa que quando você for fazer, cê pensa direitinho, cê vê pra quem que cê fala.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S
ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Porque às vezes você fala no meio de todo mundo aí.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: “Cê vai fazer amanhã? Falei: “é”, “quando cê chegar lá, já tá sabendo e quem é pegado é ocê”.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Por isso tem muita coisa que cê tem que ter segredo.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Tem que saber quem é as pessoa que cê...

ENTREVISTADORA: Indica.

JOSÉ: Indica. Deixa os outros em alerta.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Então ele fazia esse trabalho assim, ele dizia “Zé, amanhã tem uma reuniãozinha lá, segredinho lá da terra brava. Cê vem de lá pra cá e nós encontra lá, na barriguda”, falei: “tá bom”, aí ele já tinha avisado Marcelino, já tinha avisado outro lá no rio abaixo, “e ó, esquece do que eu te falei não, você já sabe quem é as pessoas, deixa alerta pros outros. Cê só dá um alerta que vai ter uma reunião em tal lugar, assim e assim, não sabe pra quê”. Aí naquela reunião, naquele horário tava assim de gente, tudo lá aquele povão não sabia porque que era, “ó, tá na hora de vocês ficar com medo. A reunião é pra isso! Vão bora”, e aí: “mas moço, tá enganando a gente”, “não, né enganando não, porque se não for assim, não vai, tem que ser desse jeito. Porque se ocês quer dar liberdade pra seus filho amanhã ou depois, tem que fazer isso!”.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Porque se ocês não fizer assim, cês não vai ter paz na vida de vocês, não. Quem morrer, ta

em paz, não vai passar o que tá passando. E aquele que viver, cê vai deixar ele em paz. Mesmo que por um tempo. Dono do que é seu, dono seu nariz, dono do seu focinho. É o que ele falava.

Mas nós tem que batalhar e lutar. Então pra muitos que ouviu aquilo, tinha muitas pessoa que você não podia revela o segredo de uma vez, que daí a pouco ele escapava e ao invés do cê ir resolver o problema, cê chegava lá e entrava numa armadilha, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Chegava lá e achava armadilha. Eu lembro que uma vez nós quase entramo numa armadilha feia. Deu um toque prum companheiro, o companheiro achou que confiava. Sorte nossa que nós desencontremo numa carreira aqui em riba. Nós entremo devagarzinho, vinha devagar, que a saída, o cara bem armado, moça, com uns cara. Nós desencontremo nessa carreira aqui, ó. Que o cara veio por aqui e nós viemo por aqui. Aqui, invés de nós pegar aqui na estrada aqui, nós entremo em outra carreira pra sair lá. Quando eles perceberam nós lá, eles rodou a mesma coisa, cortou, aí nós cortemo por lá, apanhamo eles lá no (trecho incompreensível). Quando ele chegou na bocada que era (trecho incompreensível) aí não tinha, que o carreiro, o outro carreiro (trecho incompreensível) não tinha saída (trecho incompreensível). E esses homem tava enfernizando era pai aí, cortando os arame deles aí, botava o gado pra comer o milho, essas coisa, mandioca. Aí nós (trecho incompreensível) entrou aqui “vamo pegar esse cabra, tomar essa arma e os cavalo, entregar tudo, levar tudo pro...”, aí rachamo esses cavalo em riba. Quando eles viu que o carreiro cabou, eles saltou no chão e vazaram, largou os cavalos. Ninguém daria nós esses cavalo não (trecho incompreensível) entrega lá no posto lá e chama a polícia quem for, eles já traz. Levar tudo pra lá. E bem assim nós fez, levei. Mas moça, (trecho incompreensível) tamanho das carabina quando eles ia correndo caiu dentro do mato, armado de arma pesada. Aí a carabinona do papo amarelo, panhei os trem, vamo levar (trecho incompreensível), aí nós levemos e entreguemo pro delegado, Lúcio Flávio. As coisa lá, pegou e entregou tudo lá. Eu digo: “oh seu Rodrigo, chama Lúcio Flávio aí e vê o que vai fazer com esse trem”, (trecho incompreensível) “moço, nós tamo correndo de briga, cês vem atrás da gente de briga, e ocês trouxe esses trem pra cá, porque não largou esses trem lá?”, eu digo: “mas tem que provar como a gente tinha visto eles”. (trecho incompreensível) os cavalo e... O delegado veio com a polícia e pegou com os carro deles e foi embora. E foi até bom, do jeito que eles tava aperriando aqui, aí controlou. Chegou um ponto que a Funai tirou eles, nós mesmo tiramo. O povo sossegou.

ENTREVISTADORA: Seu Zé, chegou a ter um atentado aqui no posto da Funai, não teve?

JOSÉ: Teve! Nessa época nós tinha vindo cá pra cima, e eles vinha de cá, eles atacaram o posto lá, fez um tiro pra pegar no posto. Sorte que não tinha quase ninguém lá no momento, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Atiraram no posto, nos vidro e tudo assim. Fizeram uma pipocada danada lá.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí desse tiroteio que a gente comecemo montando o esquema, aqui e acolá. Quando terminaram, tinha lugar que a gente pegava aqueles pauzão. Tinha o trabalho de derrubar e depois voltar e pegar nas costas, tirar de lá, por no meio das estrada. Aí tinha vez que quando era a polícia federal que vinha, fazia a gente tirar tudo de novo.

ENTREVISTADORA: Por quê?

JOSÉ: Porque eles tinham que passar ali, não tinha outra saída, não. A gente pegava e tirava tudo aqueles pauzão da estrada de novo. “Oh Zé, nós tem que trabalhar, porque se nós não fizer força assim, nós não ganha, não”.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: (trecho incompreensível) 10, 20 homens, pra aqueles pauzão, botava lá no meio da estrada.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Quando a gente tava ali, pensava que (trecho incompreensível) a polícia federal já: “tira esse pau daqui!”, aí nós punha tudo nas costas e ponha lá... de todo jeito, tem que trabalhar. Nós já caçava as encruzilhada, (trecho incompreensível). “Tira esses pau daí! Nós vamo voltar logo, heim?”. Tinha vez que nós esperava, esperava e não voltava, ia embora e largava lá. E tinha vez que eles ia lá e (trecho incompreensível). Agora, seu Rosa, ele sabia que ia acontecer o que aconteceu com ele. Que eu tava na lista. Eu, seu Rodrigo, nós tava na lista. Ele teve assim, uma pista de uma pessoa, foi contra, mas depois ele deu uma dica pra pessoa e mandou a pessoa vim cá e pedir (trecho incompreensível) que ele pegou amor. Aí no momento seu Rosa foi, comunicou para Belo Horizonte e tudo, falou: “não, tem que ficar um de nós, ao menos Zé tem que ficar. Se der errado, vai dar errado lá fora, que vai ter que sair”. Aí ele pediu, veio, aquele tempo era uma

Kombi, né? Veio uma Kombi, chegou lá era quase 11 horas da noite, na casa dele. Veio de

Montes

Claros, o povo da igreja que mandou. Aí quando chegou lá já mandou: “diga a Zé que venha, venha com a bolsa pronta”. Eu digo: “uai, o que seu Rosa quer comigo?”, aí quando falava assim eu já ia pronto mesmo e vinha, acabou. Igual “Zé, cê tem que sair agora de noite daqui”, eu digo: “ah, porque seu Rosa?”, “não, nós tamo na lista ali do massacre, e aqui só vai resolver quando morrer um ou dois. E ocê, ocê vai embora. Cê não passa comunicação nenhuma! Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Cê vai se esconder fora, fora mesmo! Não fica nem... Se ocê puder sair do estado de Minas, pode sair!”, eu digo: “desgramou!”, aí eu mandei a mulher ali: “cê vai pra onde tá seu pai, se quiser ir (trecho incompreensível) não quiser ficar aqui mais ele aqui”. E eu fui, fiquei em Belo Horizonte uma semana, eu digo: “oh mãe, me dá dinheiro aí que eu vou sumir no mundo também. Vou ficar aqui empatando ocês, mais do que ocês já ajudou, vou ficar aqui”, “moço, moço! E se ocê não achar ajuda pra lá, cê não acha serviço!”, eu digo: “a gente se vira”. Cortei pra São Paulo. Fui pra Guarulhos, cheguei lá o trem tava meio ruim, aí fui lá pro (trecho incompreensível) chegou lá, desconfiei que tinha gente daqui lá, eu digo: “o quê? Vou pular fora!”, parti pra Vila Jaguara, quando eu tô lá na vila jaguara, (trecho incompreensível) “moço, vim pegar dois pão pra mim e um pacote de café”, lá na padaria; que eu tô pegando café, eu olho aqui tava os dois desgramado que ajudou a matar o finado Rosa aqui lá do meu lado. Aí que eu fui chegando, eu já ia correndo, “Zé, Zé, cê viu no jornal? Matou Rosalino! O povo lá no xacriabá!”, eu digo: “moço, eu vi foi os de (trecho incompreensível) ali”, “quem é que tava aí?” eu digo: “(trecho incompreensível) paixão”, “é os que matou, passou o nome deles, ajudou matar. Tá passando o nome deles aí”, eu digo: “ih, agora eu”, eles foram me vindo, largou o pão e o copo de café lá quando eles me viu. Eu digo: “ih, já teve bom pra mim também”, aí eu arrumei minha bolsa, virei cá no rumo de (trecho incompreensível), aí quando cheguei cá em (trecho incompreensível), tinha um veinho lá que era conhecido de (trecho incompreensível) mudado de lá, “moço, se ocê não tiver (trecho incompreensível) nessa casinha aí por enquanto, enquanto não aparecer gente pra alugar, cê pode ficar aí”, eu digo: “beleza!”, aí fiquei lá um tempão. Até que decidi aqui foi quando advogado ligou lá pra mim, na casa de minha tia, que minha tia foi atrás. Só ela que sabia onde que eu andava. O advogado era irmão de Fábio, e ele era advogado da prefeitura lá de São Paulo. Ele só não me levou pra prefeitura que ele tinha pessoas daqui lá

ENTREVISTADORA: E como foi que o senhor voltou pra cá?

JOSÉ: Ele ligou lá, o advogado, o advogado foi lá e ligou pra minha tia, aí ele foi lá no ponto e me

panhou. Aí no outro dia eu já vim, ele já tinha direcionado a passagem e tudo, já tava na rodoviária, no ônibus, e quando eu cheguei na rodoviária em Belo Horizonte, o Fábio já tava me esperando também, com carro particular. Aí me levou lá pra casa dele, fiquei lá três dias. Aí nesse mesma van, era Kombi, não era nem van, uma Kombi velha, nós entramos tarde da noite de novo. Só o Rosa sabia que nós ia chegar, os outros nem... O Rosa não, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Ela sabia que nós ia chegar, mas os outros não sabia.

ENTREVISTADORA: Que isso já foi depois da chacina, né?

JOSÉ: Foi depois da chacina.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Aí nós viemo, daí pra cá ficuemo um tempão aí meio escoteiro, fugindo dos homem, porque prisão marcada, né.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: (trecho incompreensível) o advogado tornou a avisar (trecho incompreensível) mandar chamar ocê, pode ir. Ficou mais fácil de ser livre deles. Só que (trecho incompreensível) na cadeia, né. Se eles tirar... Não é que eu fiquei quase um ano ainda?

ENTREVISTADORA: Na cadeia?

JOSÉ: Fiquei quase um ano lá.

ENTREVISTADORA: O quê que eles justificavam? Falando que era por causa de quê?

JOSÉ: Ah, os ladrão de terra.

ENTREVISTADORA: Muito antes, né.

JOSÉ: Mas ele queria (trecho incompreensível), nós era o ladrão de terra, os ladrão de tudo.

ENTREVISTADORA: E o senhor ficou preso aonde? Desculpa.

JOSÉ: Itacarambi.

ENTREVISTADORA: Itacarambi.

JOSÉ: Essa primeira vez foi lá em Januária.

ENTREVISTADORA: Uhum, sim.

JOSÉ: Itacarambi.

ENTREVISTADORA: E isso de Itacarambi foi depois que o senhor voltou?

JOSÉ: Foi.

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Januária foi antes. Ainda tava tudo... Nós ficou só quinze dias em Januária, o advogado entrou logo... Até o sindicato envolveu no meio me ajudando. (trecho incompreensível) lá de Montes Claros. Tudo deu uma antenadinha lá. Graças a Deus, me dando uma força. Uma benção pra nós foi essas ajuda aí, essas força de pequenos órgãos, sindicato...

ENTREVISTADORA: Qual sindicato que foi?

JOSÉ: Sindicato que tinha um delegado (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Uhum.

JOSÉ: Porque só não fui judiado lá em Itacarambi por causa do delegado, quando ele chego lá, os cara tava me pondo na grade. Quando ele falou que era delegado, eles foi lá rapidinho e tirou, e disse que não era pra eu dizer nada não. Aí eu contei pra ele, ele disse, aí ele foi logo, não sei o

que ele falou pra eles, que não era pra fazer nada contra mim, não. Se ele fizer, que ia dar errado. Aí acho que ele comunicou com o advogado lá também, veio lá também, falou com ele lá. Aí daí pra cá até o pedido de mudar de uma sala pra outra (trecho incompreensível) ficar na sala que eu quisesse (trecho incompreensível) ligava pra nada, né. O cara já entrava pondo nós na algema, querendo pegar a gente e bater na gente. Isso tudo que é revoltado. Mas hoje, graças a Deus, a gente, como dizer, por horas, a gente ainda tá sossegado em vista do que passou, né.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Deus há de abençoar, que quero ficar sempre quieto mesmo. Tem muito o que cismar não, tem muito (trecho incompreensível) a gente ficar olhando o melhoramento que tá aí, ficar parado, aí pode arruinar, né?

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Pode arruinar de novo. Eles tem que procurar maneira com administração, liderança, pessoa que tem conhecimento, a gente não pode ficar esperando só por liderança e por direção da administração, não. Eles têm que ajudar a administrar.

ENTREVISTADORA: Sim.

JOSÉ: Correr atrás dos direito. Tem hora que a pessoa ficar só aqui dentro dizendo: “não, direito é nosso, direito é nosso”, só ficar só aqui, não vai correr atrás, não vê nada. Quando é na hora, a coisa fica difícil.

ENTREVISTADORA: Uhum. Tá joia. Seu Zé, o senhor autoriza então a gente usar alguma coisa dessa conversa pra pensar no relatório de violações de direito do xacriabá?

JOSÉ: Pode.

ENTREVISTADORA: Pode. Só lembra pra mim, o senhor é José de Benvindo do quê? Qual que é o nome todo?

JOSÉ: José Pereira Lopes.

ENTREVISTADORA: Pereira Lopes.

JOSÉ: É, apelido Benvindo.



ENTREVISTADORA: Uhum. Quantos anos que o senhor tá, seu Zé?

JOSÉ: 59.

I D E I A S E I N O V A Ç Õ E S

ENTREVISTADORA: Só pra gente saber mais ou menos que idade que o senhor tinha quando algumas coisas aconteceram na luta da terra, tá bom? E a gente agradece muito pelo senhor receber a gente.